

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**GABRIELA DIAS DE MACÊDO
GABRIELA LOURES FREIRE**

INCANSÁVEIS SÃO AS MULHERES

**GOIÂNIA
2020**

**GABRIELA DIAS DE MACÊDO
GABRIELA LOURES FREIRE**

INCANSÁVEIS SÃO AS MULHERES

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Pontifícia
Universidade Católica de Goiás
como requisito final para a
conclusão do curso de
Comunicação Social – Habilitação
em Jornalismo, orientado pelo
professor Dr. Rogério Borges.**

**GOIÂNIA
2020**

LOURES, Gabriela Freire; MACÊDO, Gabriela Dias. Incansáveis são as mulheres. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Comunicação: Faculdade de Jornalismo. Goiânia. 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso Aprovado em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Dr. Rogério Pereira Borges

Examinadora Prof. Me. Maria Carolina Goos

Examinadora Prof. Me. Silvana Rodrigues Monteiro

Dedicamos este trabalho a todas as mulheres que um dia tiveram suas histórias silenciadas.

Gabriela Dias de Macêdo

Gabriela Loures Freire

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos pais de ambas as estudantes – Alessandra Vaz Dias e Luiz Carlos Barreto de Macêdo; e Cleire Ferreira Loures de Jesus e Wanilton Freire de Queiroz – por proporcionarem apoio e incentivo durante toda a jornada trilhada na graduação em Jornalismo.

Por parte de Gabriela Macêdo, aos demais familiares, em especial aos avós Carmélia Vaz de Jesus Dias e Natanael Dias, que estiveram diariamente presentes, possibilitando sua dedicação quase integral aos estudos. A Matheus Barbosa e a Pedro Yuri, que além do apoio moral e da grande compreensão, prestaram ajuda prática em diversos imprevistos que ocorreram durante a produção deste trabalho.

Por parte de Gabriela Loures, ao amor e apoio não só de seus pais, mas de todos os familiares, para que seus sonhos fossem realizados – em especial aos avós Abadia Loures (in memoriam), Maria Freire e Dirvani Freire, e às irmãs Heloisa Loures e Marcella Loures. Ainda, o agradecimento se estende a Vitória Silva, pelo companheirismo em todos os momentos, sobretudo na produção deste trabalho.

Somos gratas, especialmente, a uma de nossas maiores inspirações como acadêmicas, jornalistas e como pessoas: o querido professor e orientador Rogério Borges, que esteve presente e conduziu cada passo da produção do trabalho e da respectiva obra com paciência, muita didática e amparo.

Por fim, mas não menos importante, agradecemos Aava Santiago, Amanda Souto, Cileide Alves, Cristina Lopes, Elaine Martins, Eliana Karajá, Francisca Barbosa, Janira Sodré, Patrícia Honorato e Vercilene Dias por disporem seu tempo e sua confiança, de modo a passar horas realizando um resgate de memórias profundo, e às vezes doloroso, para que essa obra pudesse ser concretizada.

RESUMO: O livro-reportagem *Incansáveis São as Mulheres* narra a história de vida de dez protagonistas fortes, de faixas etárias distintas, bem como raças, origens, orientações sexuais e profissões variadas, que encararam os mais diversos obstáculos em suas trajetórias com coragem e determinação, todas com um único objetivo: transformar suas vidas. Para isso, os textos biográficos contidos neste livro, escritos de forma aprofundada e detalhada e apresentados no gênero perfil, apresentam narrativas de transformação com pontos de inflexão na vida dessas mulheres, que as fizeram seguir cursos de vida distintos do imaginado, e florescer.

PALAVRAS-CHAVE: Livro-Reportagem. Jornalismo. Mulheres. Perfis. Sororidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA	10
3. O LIVRO REPORTAGEM E SUAS NARRATIVAS	12
4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO E DIÁRIO DE PRODUÇÃO.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
7. ANEXOS	35
ANEXO A	35
ANEXO B	36
ANEXO C	37
ANEXO D	38
ANEXO E	39
ANEXO F	40
ANEXO G	41
ANEXO H	42
ANEXO I	43
ANEXO J	44
ANEXO K	45
ANEXO L	46

1 INTRODUÇÃO

Com o objetivo de contar a história de mulheres, em prol de maior representatividade política e para a colaboração de uma posterior mudança no cenário das desigualdades as quais são imersas desde antes de nascerem, os textos biográficos contidos neste livro permeiam narrativas de transformação, com pontos de inflexão na vida dessas mulheres que as permitiram ou as fizeram seguir cursos de vida distintos do imaginado, e florescer.

Diante de uma invisibilidade histórica, onde até pouco tempo atrás era comum garimpar biografias de mulheres ditas “exemplares”, pois eram “raras”, nota-se o quanto nossas subjetividades e singularidades ficaram trancafiadas durante incontáveis anos. Quantas mulheres excepcionais foram esquecidas ou ocultadas ao longo do tempo? A historiadora francesa Michelle Perrot é uma das mais importantes pesquisadoras da história das mulheres, sendo seus diálogos e pesquisas imprescindíveis nesta temática. A autora faz parte de um movimento que buscou inserir as mulheres nos relatos e nos acontecimentos históricos, destacando que as mulheres também têm sua história.

Em 1989, Perrot já dizia algo que ainda reverbera nos dias atuais: “no palco da memória, as mulheres são sombras tênues” (PERROT, 1989, p. 9). Nesse sentido, e em conjunto com muitas mulheres autoras de escritos sobre o tema, que a cada dia ganham mais espaço na literatura nacional e internacional, o objetivo é dar voz àquelas pessoas que foram e ainda são ocultadas, mas que nunca deixaram de existir e resistir. Desconstruir preconceitos e discriminações historicamente produzidos sobre nós é um passo importante na luta pela conquista da igualdade de gênero na sociedade, que através de um patriarcado enraizado, tentou esconder, mas não apagou, a presença feminina na história.

Coadjuvantes de suas próprias vidas, durante séculos as mulheres foram silenciadas, sobretudo aquelas mais voltadas para a intelectualidade, pois eram vistas como uma ameaça por uma sociedade dominada por homens. Na história escrita, pode-se observar que não foi contemplado o gênero feminino como objeto de estudo e, conseqüentemente, existiu um silêncio e uma invisibilidade das mulheres ao longo da história. Assim, sem relatos ou descrições, as mulheres foram caladas e ausentes do seu tempo. Michelle Perrot (2005), ao escrever sobre o tema, sustentava que as mulheres conseguiram registrar experiências onde lhes eram permitidas, restritas ao espaço doméstico e privado.

A mulher ficou reduzida ao espaço privado, ela nunca foi chamada a fazer parte da cena histórica e teve de desenvolver estratégias de sobrevivência naquilo que lhe restou: o lar. Por isso, a memória do privado coube à mulher. Era ela quem cultuava os mortos e suas tumbas, sendo a forma de comunicação dominante a oralidade, passada, geralmente, de mãe para filha. (PERROT, 2005, p. 519).

Nesse sentido, como ainda aponta a autora, o medo de serem descobertas pelos homens como intelectuais ou independentes de pensamento as levavam, muitas vezes, a escrever escondidas à luz de um abajur em seu quarto. Isso pois, naquele contexto, seus sentimentos e suas ideias não faziam sentido, tampouco tinham cabimento, o que conseqüentemente obrigavam-nas a levarem uma vida dedicada aos outros. Ainda na sua fala, Perrot (2015) continua: “o silêncio mais profundo é do relato”. Ou seja, relatos femininos, discursos de ou sobre mulheres que revelem como elas se expressavam, como se sentiam e o que aspiravam eram impensáveis nas antigas sociedades.

A importância de dar visibilidade ao fazer histórico das mulheres está em descrever sobre suas experiências e desafios cotidianos, pois as lutas femininas têm como objetivo transformar a representação da mulher na sociedade. Desse modo, a escrita da história é essencial para o resgate desses feitos, além de comprovar que as mulheres foram muito mais do que simples coadjuvantes de suas vidas. Elas foram e são protagonistas de suas próprias histórias. Portanto, seus relatos englobam suas famílias, seus amores, suas carreiras profissionais e suas diversas representações em vários campos da sociedade. Além disso, a visibilidade da mulher é a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram, das realizações e sonhos, de seus sentimentos, prazeres e desprazeres.

Estes escritos pretendem, portanto, registrar a vivência de mulheres que, apesar de não serem tão conhecidas como Simone de Beauvoir, Frida Khalo, Rose Marie Muraro, Bertha Lutz e Marta – referências globais em suas respectivas áreas de atuação –, têm em suas histórias as marcas da superação que lhes permitiram transformar suas próprias vidas e as daqueles com quem mantiveram contato. O objetivo de dar uma maior visibilidade a elas consiste em mais do que apenas contar suas histórias, mas também tem o propósito de recuperar virtudes relevantes do

cotidiano e de suas respectivas áreas de atuação, trazendo, assim, um espelho para as futuras gerações, perante as quais as brasileiras, goianas, crianças, jovens e adultas poderão se reconhecer e se projetar. O intuito é, assim, acender uma luz que brilhará cada vez mais forte.

Com este produto, o objetivo foi entender de que forma as mulheres tiveram suas vidas transformadas pelo contexto onde viviam e de onde vieram. Compreender como origens distintas, mesmo que todas tenham como ponto de congruência sua relação com Goiás, as fazem tão diferentes, com histórias de vidas surpreendentes e transformadoras. Por esse motivo, o produto *Incansáveis são as Mulheres* não poderia ser concretizado senão em um livro-reportagem. Nenhum outro formato jornalístico concederia a profundidade e a liberdade de escrita como este, considerando todas as narrativas expressivas e detalhadas com que cada capítulo conta. Isso porque todos os outros formatos jornalísticos, como notícia, reportagem, ou até podcast e documentário, possuem uma quantidade limite de páginas ou minutos, variando entre cada um deles. Assim, para cumprir com o objetivo de narrar a história de mulheres, com todos os detalhes e especificidades que seriam necessárias neste trabalho, este foi o único formato possível a atendê-lo. No livro, as histórias de dez goianas ou moradoras de Goiás foram contadas com detalhes, percorrendo os caminhos que as fizeram chegar aonde estão. As transformações pelas quais cada uma delas passou, de fato, foram a essência da narrativa. No entanto, para que leitoras e leitores conheçam quem realmente são essas mulheres, suas minúcias e particularidades também foram contempladas em um contexto geral, prevalecendo as partes primordiais para o aprendizado e construção das mulheres que são hoje. Como ponto em comum entre todas as histórias, a vida dessas mulheres é abordada através da narrativa de transformação explicada pelo escritor e jornalista Edvaldo Pereira Lima como recurso possível a ser utilizado quando se deseja registrar histórias de vida por meio de perfis biográficos.

2 METODOLOGIA

A representatividade foi, sem sombra de dúvidas, um dos nossos maiores objetivos ao iniciar o planejamento deste livro-reportagem, pois é de suma importância na defesa de uma sociedade mais igualitária e na criação de modelos femininos diversificados que possam servir de inspiração para outras mulheres. Para isso, dentro da especificidade de serem goianas ou moradoras de Goiás, buscamos dez personagens reais, que trouxessem diversidade e representatividade para a construção da narrativa. Desse modo, através de pesquisas e indicações, chegamos a dez mulheres que conseguissem transmitir o objetivo principal do livro: inspirar. Portanto, o cuidado na escolha de cada uma foi essencial para contemplar suas diferenças. Assim, em *Incansáveis são as Mulheres* é possível imergir na história de protagonistas fortes, de faixas etárias distintas, bem como raças, origens, orientações sexuais e profissões variadas, que encararam os mais diversos obstáculos de cabeça erguida e com a imensa vontade de transformar suas vidas.

A princípio, para uma completa apuração e observação ao ouvir as histórias das fontes deste livro-reportagem, as entrevistas foram planejadas para que fossem feitas pessoalmente e com tempo suficiente para que todos os detalhes pudessem ser contemplados. No entanto, com o avanço pandêmico da Covid-19, as medidas de isolamento social recomendadas pela Organização Mundial da Saúde foram devidamente respeitadas, fazendo com que todos os contatos com as fontes fossem virtuais, de modo a preservar a saúde de ambos os lados. Assim, utilizamos o aplicativo de mensagens WhatsApp para contatá-las, bem como o e-mail e outras redes sociais, como Instagram e Facebook. Para a realização das entrevistas, foram utilizados os aplicativos Zoom, Hangout e Google Meet, juntamente com outros métodos de gravação de áudio e vídeo para que nada fosse perdido, sobretudo as expressões e emoções de cada uma ao relatar partes importantes de suas vidas. Nove entre as dez entrevistadas tiveram condições de conceder as entrevistas por meio virtual, entretanto, uma delas foi impossibilitada por conta de falha no sinal de Internet. Por isso, nos dirigimos até sua casa, em Aparecida de Goiânia, para realizar a entrevista. Reafirmamos que todas as medidas de proteção foram respeitadas como, por exemplo, o uso de máscara, álcool em gel e distanciamento de no mínimo 1,5 metro da entrevistada.

As entrevistas, quase totalmente virtuais, por vídeo chamada – exceto uma que demandou a necessidade de ser presencial –, foram realizadas de forma semiestruturada, ou seja, foram previamente planejadas, porém tiveram total flexibilidade para que também tomassem outros rumos. O intuito, desde o início, foi o de ouvir as mulheres e fazer com que até mesmo as partes que elas consideravam irrelevantes para a narrativa fossem apreciadas, de modo que a escrita evidenciasse cada detalhe da personalidade e forma de ver a vida que cada uma traz consigo. Partindo desse princípio, não seria possível realizar apenas uma entrevista para cada fonte, considerando a disponibilidade de cada uma. Por isso, foram necessários entre dois e três encontros virtuais para que, assim, continuássemos a conversa e nenhuma informação fosse desperdiçada, sempre buscando os pontos principais de transformação em suas trajetórias. Além disso, após as entrevistas, em busca de outros detalhes que pudessem agregar na narrativa, também contatamos as fontes por meio de redes sociais para que pudessem esclarecer ou adicionar informações específicas na história. Assim, cada capítulo foi escrito de modo aprofundado e bastante detalhado, para proporcionar ao leitor uma imersão na história de vida de cada mulher.

Baseadas em técnicas de entrevistas dispostas pela jornalista Cremilda Medina no livro *Entrevista: o diálogo possível* (2008), buscamos norteá-las de um modo mais humano, mais aberto e que, mais do que apenas uma conversa de perguntas e respostas, pudéssemos ouvir e compreender o que todas tinham a dizer. Para isso, nos atentamos à maneira como as histórias foram contadas. Aspectos como a entonação da voz, as pausas, o olhar, a expressão facial e a expressão corporal foram observados com delicadeza e cuidado, de modo com que detalhes minuciosos fossem descritos na narrativa, transmitindo emoção e sentimento. Em sua obra, Medina afirma que “a entrevista está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo” (2008, p. 8). Assim, quando o entrevistador e o entrevistado saem alterados do encontro, o diálogo se efetiva. Nesse sentido, de alguma forma, um transforma o outro.

3 LIVRO-REPORTAGEM E SUAS NARRATIVAS

Incansáveis são as Mulheres são narrativas de vida, especificamente de dez mulheres que reinventaram toda sua história de tal modo que puderam transformar seu arredor. Ao se tratar de um recorte da realidade, determinadas temáticas como o racismo e outras formas de preconceito, a violência contra a mulher, o *bullying* e a importância da educação, foram centrais em cada um dos capítulos e na trajetória de cada uma das personagens.

Isso porque, mesmo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrando que cerca de 54% da população brasileira é negra, o Brasil está longe de alcançar uma democracia racial. O mercado de trabalho é utilizado como um marcador eficiente de desigualdades. Ao realizar um recorte de gênero, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD C), realizada em 2017, mostrou que mulheres inseridas no mercado possuem rendimentos 24,4% menores que os dos homens. Já entre as próprias mulheres, estudo realizado em 2016 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) revela a diferença salarial entre brancas e negras, sendo que aquelas recebem 70% a mais que estas.

O Brasil também é cenário de diversos outros preconceitos, como a homofobia. Segundo relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em 2019, o Brasil registrou 141 mortes de pessoas LGBT nos primeiros cinco meses de 2019. Ainda assim, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Perfil dos Municípios (Munic) de 2011, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), somente 79 cidades possuem políticas públicas efetivas no combate à homofobia.

Da mesma maneira, o Atlas da Violência 2020, que é elaborado por uma parceria entre o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), mostra que a taxa de homicídios de negros no Brasil aumentou cerca de 11,5% em dez anos, tendo como amostragem o período entre 2008 e 2018. Já o Instituto DataSenado, em 2019 demonstrou, por meio da oitava edição da Pesquisa Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, que o percentual de mulheres agredidas por ex-companheiros subiu de 13% para 37% entre os anos de 2011 e 2019.

Como se não fosse suficiente, essa grande parcela da sociedade que tanto se encontra marginalizada, dadas as suas realidades, são privadas até mesmo do que

lhes é direito constitucional, a educação. A própria Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), por exemplo, mostra a diferença entre brancos, negros ou pardos no que se refere à taxa de analfabetismo. Segundo o estudo realizado em 2016, a taxa de analfabetismo em brancos se mantinha em 4,2% em contraste aos 9,9% referente a negros e pardos.

Como um primeiro passo para que essa desigualdade não fosse protagonista desta obra, a diversidade de personagens, e especialmente, a sororidade foram seus principais motes. Considerada a versão feminina do termo fraternidade, a palavra sororidade veio do Latim *sóror*, e carrega o significado de irmã. Trata-se, sobretudo, de uma união entre as mulheres. Portanto, permeia uma ideia de solidariedade, empatia e apoio mútuo, em que o respeito às diferenças e aos respectivos contextos prevalecem.

Apesar do uso da palavra ser relativamente recente, visto que ainda não foi incluída em muitos dicionários e ser pouco compreendida pela população em geral, o termo tem mais de 50 anos. Teve origem em 1970, quando a escritora Kate Millett, líder feminista daquela época, propôs a palavra para obter a união social entre mulheres sem que haja diferença de classes, de religiões ou de grupos étnicos. Desde então, a sororidade tornou-se o lema de vida entre muitas mulheres que, apesar de serem tão diferentes entre si, e conseqüentemente encararem realidades ainda mais distintas, mantêm-se unidas pela luta em prol de objetivos semelhantes: igualdade e respeito.

Como objetivo principal, o presente trabalho visa descrever a narrativa de transformação vivenciada por essas mulheres, relato este que conta com a descrição cotidiana de antes ou depois de um ou de uma sucessão de eventos que ocasionou uma mudança positiva em suas vidas. Por meio destes episódios, além de terem tido suas realidades alteradas, em sua maioria as mulheres aqui retratadas foram capazes de atingir positivamente a vida de terceiros, com ações diretas ou até mesmo como mero objeto de inspiração.

Para o retrato das personagens, foi feita uma pesquisa qualitativa, com a utilização da técnica de entrevista qualitativa semi-estruturada. No artigo científico de Belei, Gimenez-Paschoal, Nascimento e Matsumoto (2008), Manzini (2004) explica que, para uma entrevista mais flexível, mas que exige o mínimo de preparação e um roteiro previamente elaborado que conte com questões abertas, este é o modelo de entrevista adequado.

Duas variáveis foram abordadas no trabalho em questão: conteúdo técnico sobre a produção de um livro-reportagem, por meio do jornalismo literário, e a temática mulheres. Portanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em busca de estudos técnicos sobre a produção de um livro-reportagem e as formas de se traçar a narrativa adequada ao tipo de formato escolhido. Na obra, essas mulheres foram retratadas além de suas profissões e seus cargos, descrevendo seus percalços e suas narrativas de superação a essas intempéries que, em muitas situações, dificultam ou impedem que a maior parte das mulheres consigam, em situação justa quando comparada aos homens, ascender.

Em *Páginas Ampliadas – o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, Edvaldo Pereira Lima evidencia o seguinte conceito para essa publicação jornalística:

Veículo de comunicação jornalística não-periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo, bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas, emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1995, p.7)

Lima (2009) explica que o livro-reportagem é uma espécie de compilação de reportagens que permite abordagens aprofundadas sobre a temática em questão. O pesquisador afirma que “esse grau de amplitude superior pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado” (p. 26), quando comparado a outros produtos jornalísticos. Assim, para conseguir retratar a história de cada uma delas da forma que essas histórias merecem ser contadas, o formato de livro-reportagem concordante é o de perfil.

Em sua obra *Perfil: e como escrevê-los* (2003), Sergio Vilas Boas explica o papel dos perfis em gerar o sentimento de “empatia e preocupação com a experiência do outro” (p.14), de modo que, ao ler a obra, o leitor seja capaz de adentrar na história e, em algumas situações, até se identificar, passando a se questionar sobre o que faria se estivesse no lugar da personagem. Assim, os perfis jornalísticos, ao serem produzidos, precisam transparecer as impressões e a essência do perfilado.

Esperava-se que a matéria [de perfil] lançasse luzes sobre o comportamento, os valores, a visão de mundo e os episódios da

história da pessoa, para que suas ações pudessem ser compreendidas num contexto maior que o de uma simples notícia descartável. (VILAS BOAS, 2003, p.22)

Utilizando-se do jornalismo como narrador de vidas, Vilas Boas (2003) ainda explica que um dos principais papéis da construção narrativa do perfil é gerar interesse do leitor pelo personagem, sua trajetória e os aspectos subjetivos que fazem parte de seu cotidiano. O objetivo é provocar reflexões, gerar questionamentos e até mesmo estranhamento, causando um choque de realidade, para que haja o encontro entre diferentes contextos de vida.

O gênero narrativo de perfil, segundo Vilas Boas (2003), está presente na imprensa mundial desde o final do século XIX, mas apenas na década de 1930 as revistas e os jornais começaram a utilizá-lo em suas publicações, juntando, mais uma vez, o Jornalismo e a Literatura. No Brasil, por exemplo, a revista *Realidade* é um grande exemplo de veículo que apostou de forma certa nos perfis e nas reportagens aprofundadas, com um tom mais literário - utilizando, em suas produções, pesquisas aprofundadas, descrições de cenários e outros recursos. Sobre o retrato de histórias de vida, Vilas Boas (2007) diz:

Histórias de vida (em sentido lato) são metáforas de algo maior, e não um quebra-cabeça finito, em que todas as peças se encaixam direitinho. Há chamados muito íntimos, que não necessariamente se conectam com cordões umbilicais ou com inconscientes coletivos, e os biógrafos precisam estar atentos a isso, cientes de que tais sutilezas podem, sim, estar numa biografia (explícita ou implicitamente). (p.77)

Neste tipo de trabalho, o Jornalismo atua como um tipo de mediador do mundo para a sociedade, conectando diferentes realidades por meio de suas narrativas. Assim, por meio das histórias que conta, descobre pessoas e espaços que são considerados anônimos para a maior parte da sociedade. Vilas Boas (2007) conceitua esses “anônimos” como pertencentes a uma “realidade invisível” (p.77).

Na década de 1960, o movimento do New Journalism, que teve como principais expoentes Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote, tomou forma e o Jornalismo e a Literatura passaram oficialmente a se misturarem em grandes veículos de imprensa e a abastecer um nicho popular do mercado editorial - mesmo que essa característica já estivesse anteriormente presente em algumas obras, como *Os Dez dias que Abalaram o Mundo* (1917), lançada por John Reed. Segundo

Edvaldo Pereira Lima (2009), o New Journalism seria a chance que o jornalismo poderia ter para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura.

A obra *Fama & Anonimato* (2004), de Gay Talese, foi composta de diversos textos que haviam sido publicados por ele na revista *Esquire*, na década de 1960, voltada a um público masculino. Dividido em três partes, o livro retrata aspectos como a desigualdade, postos de forma quase polarizada: dois capítulos que tratam de pessoas que se encontram à margem da sociedade, e outro sobre pessoas que se encontram no mundo da fama e do glamour, mas que muitas vezes enterradas em seus próprios sentimentos, sonhos e angústias que os holofotes os impedem de expor. Em ambas, a arte do perfil está presente. Na verdade, com o texto *Frank Sinatra Está Resfriado*, ele revolucionou este formato, traçando um amplo perfil do cantor mais famoso do mundo sem falar com ele, apenas observando-o de perto e conversando com pessoas próximas.

Ao ler a obra de Talese (2004), vários questionamentos podem ser pontuados. Um deles é sobre a escolha das pautas de suas respectivas fontes. Isso porque Gay Talese, assim como a jornalista Eliane Brum, em diversas de suas obras, busca dar espaço de fala àqueles que geralmente não têm esse privilégio em seu cotidiano. Pessoas que, apesar do anonimato, carregam consigo trajetórias longas, ricas e, na maioria das vezes, repletas de dificuldades.

Assim, com estas crônicas, Gay Talese (2004) se mostra capaz de narrar com maestria a história de vida de pessoas e de lugares utilizando-se de uma construção individual e coletiva. Durante a leitura, é possível perceber determinadas técnicas utilizadas por ele para dar continuidade e fluidez à narrativa do jornalismo literário. Como exemplo, é possível citar a técnica da observação participante, que é expressa em sua narração, quando passa a descrever conforme os elementos passam a vir à memória. Essa é uma estratégia que facilita a visualização do que é dito nas páginas do livro, recurso que ativa a imaginação e permite que a mente ilustre o que está sendo lido.

Há tempos o jornalismo e a literatura se encontram nas páginas dos livros. A obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1902), considerada o primeiro livro-reportagem do Brasil, retrata a Guerra de Canudos - o primeiro acontecimento histórico brasileiro a ter cobertura diária na imprensa. No entanto, sua linguagem não pode ser considerada completamente literária, pois teve origem em matérias publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* nos anos de 1897 e 1898, na época

chamado de *A Província de São Paulo*, e embasadas nas anotações que compõem a 'Caderneta de Campo' (1975) em que o autor registrava suas impressões sobre o sertão baiano e o conflito entre jagunços e o Exército brasileiro.

O termo "jornalismo literário" é a junção do texto jornalístico combinado com procedimentos literários que, através de investigação e aprofundamento, gera pequenas, médias ou grandes reportagens. É a chance que o jornalista encontra de imergir na pauta e colher todas as nuances e detalhes escondidos entre as falas das fontes, entendendo, de fato, todo o universo envolto do tema proposto. Portanto, é o tipo de jornalismo em que o aprofundamento e a liberdade de angulação da narrativa se assemelham aos romances literários. Dessa forma, o papel do jornalista, para além da rotina das redações de jornais, é ter uma visão mais aguçada, de total entrega e investigação para, assim, conseguir contar a história com toda a precisão e intensidade merecida.

A própria história do jornalismo se confunde com a da literatura. Como afirma o escritor Rildo Cosson:

O jornalismo é o império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação. Na metáfora do império estão contidas as idéias de força, domínio e amplidão de territórios, que contrastam com a fragilidade e a sacralidade da arte de cultivar as flores da linguagem no jardim da imaginação. (COSSON, 2002, p.58)

Portanto, assim como na literatura, o texto torna-se o principal recurso que caracteriza a ação do jornalismo para atingir seu objetivo. Assim, por meio de uma voz autoral e de estilo próprio de escrita, o profissional desenvolve os fatos e os desenvolve através de pesquisa minuciosa, muita observação e de uma capacidade intuitiva, que o leva à diversas outras descobertas para o desenvolvimento da reportagem. Com isso, através de um trabalho árduo de investigação em torno do acontecimento, e aproveitando recursos literários nas narrativas, o jornalista consegue escrever com um enfoque mais humano, criativo e especialmente intenso. Desse modo, o que permite que a história seja contada através de angulações diferenciadas, e não apenas aquela unilateral das corriqueiras notícias veiculadas em jornais diários, é a capacidade investigativa do jornalista.

Em sua obra *Jornalismo e Literatura em Convergência*, o autor Marcelo Bulhões (2007) aponta que a linguagem literária não é apenas um meio pelo qual se passa a informação ao leitor, como ocorre no Jornalismo, mas sim uma forma de

linguagem expressiva, em que as emoções e os sentimentos relatados poderão atravessar as páginas e afetar o leitor. Para Bulhões, a literatura “nem chega a representar a realidade, mas recriá-la na operação de desviar a linguagem de sua função habitual”. Segundo o autor, essa é uma distinção fundamental entre o texto literário e textos de outro caráter como, por exemplo, o científico, teórico, filosófico e jornalístico (BULHÕES, 2007, p. 14-15).

Borges (2013) defende que o Jornalismo Literário é um gênero autônomo e híbrido, que se abastece de elementos do Jornalismo mais convencional e suas regras deontológicas inescapáveis e da Literatura em suas ousadias.

As reportagens mais narrativas, os livros-reportagens e as crônicas são exemplos de que, nessas fronteiras, há intercâmbios possíveis e até bastante almejados. O Jornalismo Literário é multifacetado, tipo de texto móvel, escorregadio, que tem no deslocamento constante uma característica intrínseca. (p. 192)

Nesse sentido, em livros-reportagem, onde há a consonância entre jornalismo e literatura, o leitor tem a oportunidade de viver a experiência estética dos textos, ou seja, sentimentos como tristeza, raiva, amor, solidão e alegria poderão ser sentidos no momento da leitura. “A linguagem não é mera figurante, mas centro das atenções” (BULHÕES, 2007, p. 12). Do mesmo modo, o jornalista e escritor Felipe Pena, em seu artigo intitulado *Jornalismo Literário como Gênero e Conceito*, aponta que esse gênero apresenta características que potencializam seus recursos:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 6-7).

Sobre o livro-reportagem, Edvaldo Pereira Lima (2009) pontua ser um produto que busca evidenciar o lado humano de algum personagem que, com as características de sua trajetória, personifique a realidade de algum grupo social. Complementa ainda que o livro-reportagem é um produto que concede maior liberdade ao autor que outros formatos jornalísticos. Nesse formato, o jornalista pode fugir das informações tradicionais que são cobradas a estarem na imprensa, por exemplo.

Isso acontece, pois no Jornalismo, os principais eixos que regem as notícias são critérios de atualidade e periodicidade, que não se aplicam ao livro-reportagem.

Um critério que pode ser considerado comum é o de proximidade, sendo que ao se produzir um livro essa proximidade é mais voltada ao assunto que à localidade em si.

Segundo Lima (2009), o campo de liberdades em que o jornalista está imerso quando se trata de produzir um livro-reportagem vai desde a liberdade temática, liberdade de angulação, de propósito e de eixo de abordagem, até a liberdade temporal e de escolha de fontes.

O livro-reportagem é uma obra de autor. A presença expressiva de seu realizador é, muitas vezes, marcante. Desvinculado, ao menos em tese, de comprometer-se com o nível grupal, com o nível massa e com o nível pessoal tal qual limitado nas grandes empresas jornalísticas, seu único compromisso é com sua própria cosmovisão e com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com seu leitor, valendo-se, para isso, dos recursos que achar mais convenientes, escapando das fórmulas institucionalizadas nas redações. O livro-reportagem não necessita obrigatoriamente girar em torno da factualidade, do acontecimento. Pode vislumbrar um horizonte mais elevado penetrando na situação ou nas questões mais duradouras que compõem um terreno das linhas de força que determinam os acontecimentos. (LIMA, 2009, p.83-85)

Sendo um dos pioneiros a imergir nessa corrente, em sua obra *Fama & Anonimato* (2004), Gay Talese enfatiza o fato de o jornalismo literário, ou novo jornalismo, não ser ficção, mesmo que muitas vezes seja lido como. O jornalista norte-americano explica que, nessa nova corrente, da mesma forma que no jornalismo informativo, o pacto com a verdade precisa ser igualmente honrado, por meio de uma apuração bem feita, verificação de dados obtidos e pelo uso de aspas e da observância de “rígidos critérios observacionais à moda antiga”.

O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores ou assumir o papel de um observador neutro, como outros preferem, inclusive eu próprio. (TALESE, 2004, p.9)

Assim, é possível que o jornalista amplie seus questionamentos ao decorrer da entrevista, à medida em que obtiver as informações de seu entrevistado. Em concordância, Edvaldo Pereira Lima (2009) complementa:

Há a pauta, mas também coexiste a flexibilidade de o entrevistador momentaneamente abandoná-la para entrar numa variante mais empática com seu entrevistado. Surge a emoção, surge a pessoa por detrás do mito. O que então desponta é a descoberta compreensiva do

universo, por vezes misterioso, às vezes exuberante, nem sempre comum, de um ser humano. (LIMA, 2009, p. 113 - 114)

No livro-reportagem, explica Lima (2009), existem diferentes tipos de captação a ser abordada em uma entrevista. Para o produto em questão, classificado como um perfil humanizado, os principais recursos são, por meio do relato oral, as histórias de vida e o resgate da memória. Em sua obra *Memória e Sociedade* (1994), Ecléa Bosi coloca a memória como um “cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (p. 39), de forma que as entrevistas que utilizam esse tipo de metodologia permitam um resgate profundo de memórias que às vezes surte efeito até mesmo, e principalmente, após as conversas - o que, inclusive, reforça a necessidade de mais de uma encontro, já que os entrevistados geralmente tendem a retomar pontos anteriores ou situações lembradas entre uma recordação e outra.

Bosi consegue ilustrar importância desse processo ao considerar a lembrança como a sobrevivência do passado, porque ao mesmo tempo em que o passado é conservado no espírito de cada pessoa, ao receber o estímulo, ele “aflora novamente à consciência em forma de imagem-lembrança” (1994, p.53). Assim, por definir como perfil humanizado, o livro-reportagem realiza a entrevista com objetivo de alcançar uma dimensão muito superior do que normalmente seria aceitável em veículos periódicos. De acordo com Lima, o livro-reportagem perfil “procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse” (2009, p. 51). Próximo a ele está o livro-reportagem depoimento, que “reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada” (p. 52).

Tratando do livro-reportagem, Lima (2009, p.4) acredita que este produto preenche os “vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão, até mesmo pela internet”. Esse gênero contribuiria para o “aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais de comunicação jornalísticos” (LIMA, 2009, p.4). O autor trabalha com a Teoria dos Sistemas, em que cada sistema se estabelece e influencia outros, sem abrir mão de suas características iniciais. Segundo ele, buscou-se um quadro conceitual em que as múltiplas abordagens do livro-reportagem pudessem ser contempladas, em sua complexidade e sua contemporaneidade. “Dessa forma, opto pela Teoria Geral dos

Sistemas, tal qual formulada por Ludwing von Bertalanffy, conforme o modelo adaptado ao jornalismo” (LIMA, 2009, p. 7). De acordo com ele, ela se baseia em três premissas:

1. a *contextualização* do fenômeno que se está analisando, para detectar as realidades circundantes, bem como as características intrínsecas que afetam seu comportamento;
2. o *mapeamento* do fenômeno no tempo, de modo a definir as particularidades relevantes de seus *antecedentes* e a inferir possíveis *desdobramentos* no futuro;
3. a *identificação da função* que o sistema - isto é, o fenômeno em exame - vem desempenhando e poderá vir a desempenhar. (LIMA, 2009, p. 8, grifos do autor)

Desse modo, segundo o autor, o livro-reportagem seria um “subsistema híbrido”, ligado aos sistemas de jornalismo e ao de editoração. Em sua tese, a pioneira em termos de estudos a respeito do assunto no Brasil, há certo tom de enaltecimento ao formato de reportagem em livro, mas Lima está correto ao classificar a postura diferenciada dos jornalistas que com ele se envolvem.

Em si, explica Lima (2009) é difícil encontrar partes de um livro-reportagem que sejam exclusivamente únicas de histórias de vida, mas esse recurso está sempre presente no que tange a humanizar os relatos: “o livro-reportagem vale-se do recurso entre tantos outros distribuídos ao longo de suas páginas” (p.115). Isso, porque as entrevistas biográficas resgatam a oralidade dos personagens, contribuindo para a reprodução comportamental de certas culturas e suas respectivas relações sociais.

Essas histórias de vida servem como “suporte de pesquisa, em que as entrevistas e os depoimentos constituem-se na base mesma da reportagem”, além de poderem agir como “fonte complementar no levantamento de um tema” e possuírem usufruto da “liberdade formal e espacial do livro-reportagem”.

Por outro lado, a captação das memórias agem como uma forma rica de resgate psicológico e social. Lima (2009) explica que “pela construção que faz o narrador, é ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior da compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade em que se insere”.

4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO E DIÁRIO DE PRODUÇÃO

Ao escolher as mulheres que protagonizariam *Incansáveis são as Mulheres*, o principal objetivo foi procurar diversidade. Com pessoas distintas, vindas de lugares diferentes e com os detalhes únicos que cada uma das narrativas carrega, a obra tornar-se-ia mais rica. Sendo esse o primeiro critério, a busca por mulheres de idades, orientações sexuais, raças e origens diversas foi iniciada. Apesar do critério principal ter sido o contraste, o segundo foi o da congruência. Todas essas mulheres deveriam ter alguma ligação com o estado de Goiás, fosse esse laço emotivo ou de naturalidade, e deveriam ter em sua história a característica da superação, da determinação e da transformação. E o objetivo foi alcançado. Foram escolhidas e entrevistadas dez mulheres, que deram origem aos dez capítulos que compõem o presente livro-reportagem.

Mãe, socióloga, evangélica e política, Aava Santiago é a primeira personagem a ser abordada e traz em cada detalhe de sua trajetória a persistente luta para uma sociedade mais igualitária, com menos injustiça e sofrimento. Embora tenha crescido no Rio de Janeiro, passou toda a sua adolescência em Goiânia, onde vive atualmente ao lado do marido e do filho. Goiás foi o cenário de grande parte de suas vitórias e derrotas, ao mesmo tempo que foi o local que abraçou sua família em uma de suas piores fases. Família essa que, mesmo tão grande e diversa, enxerga todas as suas nuances e particularidades na mulher que Aava é e se torna a cada dia.

No segundo capítulo, Amanda Souto é a protagonista. É a primeira mulher trans a compor duas comissões na Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Goiás, sendo elas a Comissão de Direito Médico, Sanitário e Defesa da Saúde e a Comissão da Diversidade Sexual e de Gênero. Nascida no interior de Goiás, Amanda passou grande parte da sua vida como um homem, vivendo com sua verdadeira essência escondida. Porém, em 2018, a partir da sua transição social, tornou-se quem sempre quis ser. Ao tomar as rédeas da sua própria vida, a advogada passou por grandes mudanças e inspira outras pessoas que passam pela mesma situação, tanto na vida pessoal, quanto na profissional.

Cileide Alves é jornalista, especialista em jornalismo político, mestre em História e tem sua trajetória narrada no terceiro capítulo. Embora a carreira seja uma das grandes prioridades de sua vida, sua trajetória também foi marcada por episódios

que transformaram toda a sua existência como mulher, mãe e profissional. Com suas quase seis décadas de vida, Cileide se considera uma mulher destemida, forte e pronta para encarar os desafios e adversidades de cada novo passo que der, assim como fora desde o seu nascimento. Sua narrativa, entre outros aspectos, nos remete a uma trajetória de luta, mas também de muita garra e determinação.

Vítima de uma tentativa de feminicídio há 30 anos, tendo 85% de seu corpo queimado, Cristina Lopes ainda carrega as cicatrizes do crime. Sua trajetória é abordada no capítulo quatro, que explica como seu processo de superação esteve relacionado com a vontade de lutar para que pessoas vítimas do mesmo tipo de crime que a atingiu fossem melhor acolhidas e que mulheres não fossem mais submetidas a esse tipo de situação. Para isso, Cristina, que já era educadora física, formou-se em Fisioterapia e, com essas pautas, se candidatou ao cargo de vereadora de Goiânia, sendo eleita duas vezes como a mais votada. Hoje, além de inspiração, Dra. Cristina, como é mais conhecida, foi capaz de contribuir de forma positiva na situação de mulheres e queimados da capital goiana.

Elaine Martins, personagem do quinto capítulo, encontrou no café o refúgio que procurou desde a sua complexa infância, com episódios de abuso e violência. Barista há mais de dez anos, tornou-se uma mulher de personalidade forte, que sabe de todo o potencial que existe em si, evidenciando-o em cada atitude tomada. É mãe de três filhos, sendo duas mulheres e um homem, e embora o amor por eles seja impossível de traduzir em palavras, ela o faz com muita facilidade quando o assunto é o barismo – a profissão que transformou e revolucionou toda a sua trajetória.

Eliana Karajá, no capítulo seis, como seu próprio nome diz, é uma mulher indígena pertencente à tribo Karajá. Viveu em sua aldeia, localizada às margens do rio Araguaia, até os nove anos de idade, quando repentinamente precisou mudar-se para Goiânia, e iniciar uma nova vida. Vítima de estupro, preconceito e constantes violências psicológicas, Eliana encontrou em seus três filhos a base para não desistir. Sua iniciativa e seu trabalho como representante dos povos indígenas em instituições de saúde, e todo o seu empenho para que tenham uma vida digna, transformaram também a sua própria realidade, num contexto em que nem ela mesma sabia que isso seria possível .

Semianalfabeta, Francisca Barbosa é uma mulher simples, mas de muita coragem e perseverança. Há mais de uma década, doa sua vida e seu tempo liderando uma associação que garante a sobrevivência de centenas de famílias na

comunidade onde vive, em Aparecida de Goiânia. No sétimo capítulo, é mostrado como esta mãe de nove filhos entende a importância da educação para a construção não só de uma vida digna, mas de seres humanos íntegros, honestos e dispostos a ajudar quem mais necessita. Portanto, não mede esforços para combater a injustiça social, possibilitando às mulheres, crianças, idosos e a quem mais precisar todo o apoio para se reerguerem.

Nascida no interior do Maranhão, Janira Sodré passou boa parte de sua infância e adolescência em Roraima, cenário de grande parte de seus aprendizados e suas vivências que fizeram dela a mulher que é. Sua história é contada no capítulo oito. Historiadora, ela considera que a educação foi o grande ponto de transformação em sua vida, bem como sua família e sua amada filha Mariana, que revolucionou seu entendimento sobre a existência, sobre as relações e especialmente sobre si mesma. Atualmente vive em Goiânia, onde dia após dia exerce uma de suas maiores paixões: lecionar.

Durante toda sua infância e adolescência, Patrícia Honorato, que protagoniza o nono capítulo, foi vítima de bullying e, na maior parte do tempo, percebeu-se sozinha para enfrentar todos os seus dilemas. Seu refúgio? A ciência. Depois de participar de projetos escolares que lhe possibilitaram concorrer em competições nacionais, Patrícia foi finalista em uma disputa científica em Harvard, uma das mais importantes universidades do mundo, além de ter ganhado bolsa de estágio de um mês em Israel. Hoje, é fundadora de uma feira de ciências online e cursa Química, na Universidade Federal de Goiás.

Vercilene Dias é uma mulher quilombola, nascida na comunidade Kalunga, localizada no interior de Goiás, e é a décima e última mulher a ser abordada no livro. É conhecida por ser a primeira quilombola mestra em Direito no Brasil, mas não só por isso. Batalhadora, esforçada e muito confiante no poder da educação, Vercilene luta cotidianamente para quebrar as barreiras criadas entre seu povo e as vagas em universidades, bem como cargos de liderança e poder. Por isso, não mede esforços para propiciar a outras pessoas de sua comunidade condições para chegarem onde chegou. Uma trajetória de muita luta e da qual tem muito orgulho, apesar de considerar inadmissível esta ser uma realidade tão tardia para os quilombolas.

Os dez capítulos que compõem o livro-reportagem estão dispostos em ordem alfabética pelo primeiro nome de cada uma delas, indo de Aava à Vercilene, unicamente pelo motivo que não seria possível classificá-las quanto à importância de

suas experiências ou qualquer outra classificação mais subjetiva, já que a carga de profundidade e riqueza de detalhes presentes em cada uma das histórias é grande e, ao mesmo tempo, similar. Encontrar mulheres que se encaixassem no primeiro critério estabelecido, o de contraste, não foi tão difícil, já que a história e as lutas de cada pessoa são únicas. A lista inicial de nomes chegou ao número cinquenta, mas ao realizar a filtragem do segundo critério, do ponto de convergência, foi possível chegar às dez que hoje protagonizam os capítulos da obra.

A primeira forma de encontrar as personagens referidas foi as integrantes do grupo pensarem em pessoas que já conhecessem pessoalmente ou com quem já tivessem tido qualquer tipo de contato, seguida de longas pesquisas em portais de notícias regionais que mencionassem, mesmo que de forma breve, a história de mulheres que se encaixassem nos critérios determinados. Após esses dois primeiros passos, foram consultados o orientador do referido trabalho de conclusão de curso e profissionais que trabalhassem dentro dos jornais locais que pudessem indicar possíveis fontes. Ao selecioná-las e buscar a devida ajuda, alguns contatos foram obtidos. A maioria, entretanto, só foi possível obter na tentativa de contato direto com as personagens, por meio das redes sociais, como Facebook e Instagram e por e-mail.

Ao todo, os capítulos variam entre 24 e 36 páginas. Para a composição desses capítulos, na etapa de apuração, foram realizadas vinte e uma entrevistas, que totalizaram vinte e quatro horas e cinquenta e nove minutos de áudio. Todas as entrevistas foram marcadas pelo aplicativo de mensagens Whatsapp e praticamente todas puderam ser realizadas e gravadas pelo aplicativo Zoom, exceto a do capítulo sete, de Francisca Barbosa, que foi feita de forma presencial por circunstâncias pessoais da personagem.

Desde o início, a principal dificuldade foi o impedimento de realizar atividades de modo presencial, já que o trabalho foi iniciado em meio à pandemia do novo coronavírus, que se espalhou pelo Brasil a partir de março de 2020. Desse modo, praticamente todos os encontros precisaram ser virtuais. Entretanto, ainda assim, foi possível estabelecer a relação de confiança necessária com cada uma das fontes, de modo que a profundidade dos capítulos não fosse afetada. Cada um deles, portanto, é rico em detalhes que em notícias factuais não são abordados, justamente pelo critério de noticiabilidade que existe para filtrar o que deve estar presente dentro do texto.

Para fins de documentação e facilitação da escrita, todas as conversas foram transcritas, o que compôs a segunda grande dificuldade. Para a realização do trabalho, foi utilizado o aplicativo Docs, da Google, na fonte Arial, em tamanho 12, gerando, ao final, duzentas e sessenta e oito páginas de transcrição. Mesmo que todos os áudios tenham sido transcritos por ambas as integrantes do grupo, a adversidade se encontra na grande quantidade de horas que se eram necessárias para conseguir transcrever os áudios antes de poder continuar com a escrita do capítulo ou de realizar a próxima entrevista.

Confira abaixo os detalhes técnicos de cada uma das entrevistas:

	Aava Santiago	Amanda Souto	Cileide Alves	Cristina Lopes	Elaine Martins	Eliana Karajá	Francisca Barbosa	Janira Sodré	Patrícia Honorato	Vercilene Dias
Quantidade de entrevistas	3	2	3	2	2	2	1	2	2	2
Tempo total de entrevistas (min.)	183,42	133,83	231,93	122,89	150,37	136,2	91,51	192,08	94,08	139,13
Nº de páginas transcritas	35	22	38	26	30	23	20	28	18	28
Nº de páginas do capítulo	18	12	18	15	15	13	15	14	12	16

*Todas as entrevistas e os capítulos, antes da diagramação, foram escritos na fonte Arial em tamanho 12, no aplicativo Docs, da Google.

Como terceira e última maior dificuldade a ser superada na produção deste livro-reportagem foi a necessidade de reinvenção em meio à crise. Isso porque o plano inicial era mesclar o Jornalismo Literário com o Fotojornalismo, fazendo com que, além de livro-reportagem, o produto contasse com uma significativa galeria de fotos em seu interior. O objetivo era que essas fotos fossem produzidas e editadas de uma forma semelhante e que, ao mesmo tempo, passasse através de si a singularidade de cada uma das mulheres apresentadas e representadas nessa obra. Com a pandemia e a necessidade do isolamento social, entretanto, a produção dessas fotos tornou-se algo impraticável, o que fez com que as integrantes do grupo

optassem por inserir ilustrações baseadas na aparência nas mulheres que compõem os capítulos do livro.

Todas as ilustrações foram produzidas em estilo minimalista, com restrição de detalhes, de modo que as linhas fossem a única ferramenta utilizada na sua criação. Para a produção dessas ilustrações, expostas de forma conjunta com as dez mulheres na capa do produto, e individualmente na abertura de cada um dos capítulos, foi utilizado o software técnico de design gráfico e ilustração CorelDRAW. Todas as artes foram exportadas em PNG e adicionadas no projeto de diagramação.

Além da ilustração produzida no CorelDRAW, baseada na aparência física das personagens, a capa possui uma coloração azul referente ao código HTML #CFDCE9. Além da própria legibilidade em relação à ilustração e o fundo da capa, ao escolher a cor predominante, foi considerado o próprio significado da coloração. De acordo com Heller (2000):

O significado mais importante do azul está no simbolismo das cores, nos sentimentos que vinculamos ao azul. O azul é a cor de todas as características boas que, se afirmam no decorrer do tempo, de todos os sentimentos bons que não estão sob o domínio da paixão pura e simples, e sim da compreensão mútua. O azul é a cor que foi mais vezes citada como a cor da simpatia, da harmonia, da amizade e da confiança. Esses são os bons sentimentos, aqueles que só se comprovam em longo prazo, florescendo, em geral, com o passar do tempo e tendo sempre como base a reciprocidade. (HELLER, 2000, p.23)

Relacionados ao conceito de sororidade já mencionado anteriormente, os sentimentos de harmonia, simpatia e confiança construídos de forma gradual foram os principais a serem considerados na escolha da cor azul para a construção da capa. A ilustração, além de ser composta por linhas, conta com flores nas cores rosa e amarelo em sua parte externa. A presença das flores na capa simboliza o florescimento dessas mulheres diante do contexto em que elas se originaram e que permitiram sua evolução, além da consequente transformação que ocorreu em suas vidas.

A escolha das cores das flores foi realizada com base na estética de harmonia e contraste em relação ao fundo, já que, no círculo cromático, as cores azul e rosa são análogas, criando uma sensação de equilíbrio e harmonia, e as cores azul e amarelo são complementares e opostas, criando o contraste.

A diagramação do livro-reportagem foi realizada no software de design de layout e editoração eletrônica da Adobe, o Indesign. A fonte escolhida para todo o livro-reportagem é a Century Schoolbook, variando seu tamanho em cada seção da obra. No corpo do texto do prefácio e dos capítulos, o tamanho é o 12. No título de abertura dos capítulos, o 20. Na capa, o título está em tamanho 58 e 19 e o nome das autoras, em tamanho 20. Além do tamanho, a maior variação existente nos tipos da obra é a da própria fonte, que às vezes aparece em seu modo regular, às vezes em bold e outras em itálico.

A fonte Century Schoolbook foi criada pelos designers Linn Boyd e Morris Fuller Benton e é pertencente à família Century - que é do tipo serif, ou seja, possui serifa em sua composição. Cost (1986) explica que a fonte foi criada pelos designers em 1919 para o fundo empresarial American Type Founders (ATF). Segundo Shen (2006), esta fonte, após vários processos de melhora, foi criada voltada a um público jovem, com o objetivo de atraí-lo para a leitura. Assim, seu design é moderno, de modo que em sua produção, o foco foi criar uma fonte limpa e bem definida, não muito condensada e que ao mesmo tempo que não tivesse seus traços muito finos, sua serifa não fosse muito grossa. Ainda, as letras deveriam ter harmonia entre si, de modo que ainda assim não atrapalhasse a clareza e a diferenciação entre elas. Seu foco não era ser a fonte mais bonita ou mais elegante, mas a com maior legibilidade.

Na produção da obra, foi utilizada uma margem de 15 milímetros tanto nas partes superior e inferior, como nas laterais. O espaçamento entre as linhas foi de 20 pontos (ou 7,5 milímetros). O texto foi justificado à direita, para que ao mesmo tempo em que permanecesse rente à margem, não desconfigurasse o espaçamento entre as palavras.

O processo de escrita foi compartilhado. Como mencionado anteriormente, o aplicativo Docs, da Google, figurou como principal ferramenta utilizada, já que permite escrita simultânea dos editores do documento. Assim, ambas as integrantes do grupo tinham a liberdade de corrigir, apagar e continuar o que foi escrito. Foi seguindo essa linha que se definiu quem fez o quê. Quando somente uma possuía o recurso de fazer determinada etapa, esta era cumprida em chamadas de vídeo com compartilhamento de tela, para que as a tarefa agradasse ambas as integrantes do grupo e todos os lados fossem compreendidos.

Na produção da obra, a linguagem aplicada foi a literária, utilizando-se de narrativas fluídas e dinâmicas, respeitando a norma culta da língua portuguesa ao

mesmo tempo em que se trabalhou para que o texto pudesse ser facilmente compreendido por todos. Por se tratar de um resgate de memórias, apesar de ter uma linha cronológica que norteia a narrativa, o texto não se prende a ela, de modo que em certas situações lapsos do passado e expectativas sobre o futuro são inseridos em meio ao presente.

Além de ter sido inteiramente escrito em terceira pessoa, o objetivo foi que não apenas as mulheres fossem apresentadas na narrativa, mas que a escrita mostrasse a essência de cada uma delas, o que fez com que cada capítulo tivesse suas particularidades. Buscou-se ainda realizar uma contextualização da trajetória de cada uma das personagens com momentos específicos de suas respectivas épocas e localidades, para que o leitor consiga mergulhar profundamente no enredo.

Se fosse necessário escolher uma palavra para definir para este trabalho, ela seria sororidade. Ao fazer jus a este conceito, à mensagem ao qual a obra tenta passar e ao respeito e ao reconhecimento de todas as pessoas que participaram da construção deste livro – desde as alunas integrantes, ao professor orientador e às fontes –, desde o início foi decidido, de forma unânime, que todas as partes do livro seriam feitas de forma proporcional e realista, pelas duas estudantes e autoras de *Incansáveis são as Mulheres*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente livro-reportagem teve como intenção ultrapassar uma questão que há muito é discutida dentro do Jornalismo: afinal, quem “merece” ou não ser pautado? Defendendo a tese de que para que o Jornalismo seja plural, suas fontes também precisam representar essa pluralidade, foi proposta e realizada a criação de um livro-reportagem responsável por contar, por meio do resgate de memórias, da forma mais detalhada e aprofundada possível, a história de dez mulheres que possuem relação com Goiás e que, apesar de diferentes entre si, tenham passado por grandes transformações no decorrer de suas vidas.

A produção de *Incansáveis são as mulheres* não resultou apenas no livro-reportagem, mas sobretudo em grandes aprendizados – sobre jornalismo, sobre a vida e, especialmente, sobre como toda história merece ser contada. Com isso, ao final de um ano de trabalho árduo, diário e instigante, esta etapa foi finalizada com maestria, de modo que todos os resultados obtidos após longos momentos de dedicação se mostrassem satisfatórios para todos os envolvidos, além dos futuros leitores.

Durante as mais de vinte entrevistas realizadas, histórias emocionantes, engraçadas, reflexivas e, muitas vezes, difíceis de serem lembradas fizeram parte do repertório. Não é à toa que muitas lágrimas das entrevistadas vieram à tona, seguidas de longas pausas para recuperar a linha de pensamento. Isso porque como em toda história de vida, as fases ruins existem, mas elas também podem agregar em uma posterior melhoria, especialmente no que se refere a um impulso inicial para ressignificar o momento. Assim, a coragem de revisitar lugares antes deixados para trás nos remete a uma valentia que não será esquecida.

Para que isso fosse capaz de acontecer de maneira plena, a abordagem, de modo contextualizado, de infortúnios cotidianos, como o machismo, racismo, homofobia, transfobia e o bullying foram primordiais, já que estes são temas mais do que recorrentes no dia a dia da população brasileira. Cada capítulo, entretanto, possui um foco diferente do outro, seguindo o fluxo da trajetória singular que cada uma das mulheres perfiladas carrega em seu histórico.

Na produção deste livro-reportagem, os desafios foram muitos. A realização de mais de vinte entrevistas com dez personagens em meio a uma pandemia é uma grande empreitada que vai além do esforço das integrantes do grupo, já que também

passa a depender dos recursos técnicos de todos os envolvidos. Ao conversar com cada uma delas, entretanto, foi possível captar a essência que tentam transmitir para o mundo, mesmo que da forma mais anônima possível, durante toda sua trajetória.

Ser capaz de concluir esta obra é também comprovar que é possível conectar o Jornalismo e a Literatura de forma coerente e aprofundada até mesmo à distância. Como inspiração a concretização da obra, entram grandes nomes do Jornalismo nacional e mundial, como Euclides da Cunha, Eliane Brum e Gay Talese, que em suas obras sempre se mostram capazes de poetizar o impoetizável; ou o que, ao menos, se mostra ser.

Desse modo, com sua finalização, ressalta-se a importância da representatividade dentro dos veículos de comunicação, seja em formatos noticiosos e quentes ou mais literários e frios. Além disso, a contribuição proporcionada por esta obra deve ser ressaltada por evidenciar trajetórias tão únicas, diversas e aprofundadas que utilizam Goiás como uma parte importante de sua ambientação.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACAYABA, Cíntia; Arcoverde, Léo. **Assassinatos de negros aumentam 11,5% em dez anos e de não negros caem 12,9% no mesmo período, diz Atlas da Violência**. G1, São Paulo, 27 de ago. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/27/assassinatos-de-negros-aumentam-115percent-em-dez-anos-e-de-nao-negros-caem-129percent-no-mesmo-periodo-diz-atlas-da-violencia.ghtml>. Acesso em: 16 de ago. de 2020.

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário: teoria e análise**. Florianópolis: Insular, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Cost, Patricia. **The Contributions of Linn Boyd Benton and Morris Fuller Benton to the technology of typesetting and typeface design**. Henrietta, New York: Rochester Institute of Technology. 1986. Disponível em: <https://scholarworks.rit.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=4915&context=theses>. Acesso em: 08 nov 2020.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo**. São Paulo: Manole, 2009.

_____. **O que é Livro Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

GANDRA, Alana. **IBGE: mulheres ganham menos que homens mesmo sendo maioria com ensino superior**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 07 de mar. de 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/ibge-mulheres-ganham->

menos-que-homens-mesmo-sendo-maioria-com-ensino-superior: Acesso em: 15 de set. de 2020.

GARCIA, Karen. **Tudo o que você precisa saber sobre os termos ligados à luta da comunidade LGBTQ+.** O Globo, Rio de Janeiro, 17 de mai. de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/lgbti-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-os-termos-ligados-luta-da-comunidade-gay-23671514>. Acesso em: 16 de ago. de 2020.

GOMES, Irene; MARLI, Mônica. **IBGE mostra as cores da desigualdade.** IBGE, 11 de mai. de 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>. Acesso em: 16 de ago. de 2020.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores:** Como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2012.

IBGE. **Estatísticas de Gênero:** Indicadores sociais das mulheres no Brasil. 18 e mai. de 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=resultados>. Acesso em: 20 de out. de 2020.

JORNAL NACIONAL. **Dependência financeira:** obstáculo para mulheres denunciarem agressor. 23 de jan. de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/01/23/dependencia-financeira-obstaculo-para-mulheres-denunciarem-agressor.ghtml>. Acesso em: 16 de ago. de 2020.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista:** o diálogo possível. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: EDUSC; 2005.

_____. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **Práticas da memória feminina.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 9, n. 18. 1989. Disponível em: <https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=23> Acesso em: 20 out. 2020.

SENADO NOTÍCIAS. **Em oito anos, número de mulheres agredidas por ex-companheiro quase triplica.** 04 de dez. de 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/04/em-oito-anos-numero-de-mulheres-agredidas-por-ex-companheiro-cresce-37>. Acesso em: 16 de ago. de 2020.

SHEN, Juliet. **Searching for Morris Fuller Benton:** Discovering the designer through his typefaces. Reading, England: University of Reading. 2006. Disponível em: http://www.galleyrack.com/temp/shen-search-for-morris-fuller-benton--tc_article_53.pdf. Acesso em: 08 nov 2020.

TALESE, Gay. **Fama & Anonimato.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los.** São Paulo: Summus Editorial, 2003.

_____. **Biografismo:** reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Unesp, 2007.

7 ANEXOS

ANEXO A – Termo de autorização de publicação de produção acadêmica



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 10691 Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3000
www.pucgoias.edu.br | prodir@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Gabriela Loures Freire do
Curso de Jornalismo, matrícula 20171012703723,
telefone: (62) 9 9130-9531 e-mail gabriela.lfreire@hotmail.com,
na
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do
autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de
Conclusão de Curso intitulado
Incansáveis São as Mulheres (livro-reportagem)

, gratuitamente,
sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em
meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF
ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da
área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica
gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 12 de dezembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es):

Gabriela Loures Freire

Nome completo do autor:

Gabriela Loures Freire

Assinatura do professor-orientador:

Nome completo do professor-orientador:

ANEXO B – Termo de autorização de publicação de produção acadêmica



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 10691 Setor Universitário
Caixa Postal 861 CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 30891 Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Gabriela Dias de Macêdo
do Curso de Jornalismo, matrícula 2017.2.0127.0010-2,
telefone: (62) 981423918 e-mail gabrieladdmacedo@gmail.com, na
qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos
do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o
Trabalho de Conclusão de Curso intitulado
Incansáveis São as Mulheres (livro-reportagem)

,
gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões
do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado
(Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Video (MPEG,
MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a
título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 8 de dezembro de 2020.

Assinatura do(s) autor(es): Gabriela D. de Macêdo

Nome completo do autor: Gabriela Dias de Macêdo

Assinatura do professor-orientador:

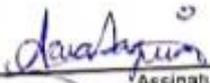
Nome completo do professor-orientador:

ANEXO C – Termo de autorização de uso da entrevista

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu Ava Santiago Aguiar,
CPF: 024850391-30, AUTORIZO o uso da entrevista
concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Incansáveis São as Mulheres*, de autoria de Gabriela Dias de Macêdo e Gabriela Loures Freire,
orientado pelo Prof. Dr. Rogério Pereira Borges, da Escola de Comunicação da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, 10 de dezembro de 2020.


Assinatura

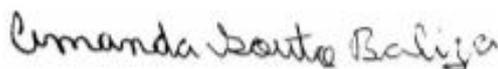
ANEXO D – Termo de autorização de uso da entrevista

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu Amanda Souto Baliza,

CPF: 025.025.601-01, **AUTORIZO** o uso da entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Incansáveis São as Mulheres*, de autoria de Gabriela Dias de Macêdo e Gabriela Loures Freire, orientado pelo Prof. Dr. Rogério Pereira Borges, da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, 10 de fevereiro de 2020.



Assinatura

AMANDA SOUTO
BALIZA:
02502560101

Assinado digitalmente por
AMANDA SOUTO
BALIZA:02502560101
DN: C=BR, O=ICP-Brasil,
OU=Secretaria da Receita
Federal do Brasil - RFB,
OU=RFB e-CPF A3,
OU=VALID, OU=AR
CERTDATA,
OU=16986332000127,
CN=AMANDA SOUTO
BALIZA:02502560101
Razão: Confirmo a
autorização de entrevista
Localização: Goiânia,
Goiás
Data: 2020-12-10 08:57:20
Foxit Reader Versão: 9.7.1

**ANEXO E – Termo de autorização de uso da entrevista
(Cileide – ainda não temos)**

ANEXO F – Termo de autorização de uso da entrevista**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA**

Eu Cristina Lopes Afonso, CPF: 536.530.179-04, **AUTORIZO** o uso da entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Incansáveis São as Mulheres*, de autoria de Gabriela Dias de Macêdo e Gabriela Loures Freire, orientado pelo Prof. Dr. Rogério Pereira Borges, da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, 10 de dezembro de 2020.

A handwritten signature in black ink, consisting of several loops and a long horizontal stroke at the end, positioned above a solid horizontal line.

Assinatura

ANEXO G – Termo de autorização de uso da entrevista

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu Elaine Sacaroni Mastella
CPF: 842 114 85104, AUTORIZO o uso da entrevista
concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Incansáveis São as Mulheres*, de autoria de Gabriela Dias de Macêdo e Gabriela Loures Freire,
orientado pelo Prof. Dr. Rogério Pereira Borges, da Escola de Comunicação da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, 13 de Dezembro de 2020.

Elaine S. Mastella
Assinatura

ANEXO H – Termo de autorização de uso da entrevista**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA**

Eu, Eliana Ferreira Karajá Martins, CPF: 495.733.301-72, **AUTORIZO** o uso da entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Incansáveis São as Mulheres*, de autoria de Gabriela Dias de Macêdo e Gabriela Loures Freire, orientado pelo Prof. Dr. Rogério Pereira Borges, da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, 11 de Dezembro de 2020.



Assinatura

**ANEXO I – Termo de autorização de uso da entrevista
(Francisca – ainda não temos)**

ANEXO J – Termo de autorização de uso da entrevista**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA**

Eu Jenira Sobrinho Miranda
CPF: 23118369272. AUTORIZO o uso da entrevista
concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Incansáveis São as
Mulheres*, de autoria de Gabriela Dias de Macêdo e Gabriela Loures Freire,
orientado pelo Prof. Dr. Rogério Pereira Borges, da Escola de Comunicação da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, 20 de março de 2020.

Jenira Sobrinho Miranda
Assinatura

ANEXO K – Termo de autorização de uso da entrevista

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu Patricia Honorato Moreira,CPF: 04817626127, **AUTORIZO** o uso da entrevista

concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Incansáveis São as Mulheres*, de autoria de Gabriela Dias de Macêdo e Gabriela Loures Freire, orientado pelo Prof. Dr. Rogério Pereira Borges, da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, 11 de dezembro de 2020.

Assinatura

ANEXO L – Termo de autorização de uso da entrevista

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, Vercilene Francisco Dias, CPF: 036.435.241-88, **Autorizo** o uso da entrevista concedida ao Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Incansáveis São as Mulheres*, de autoria de Gabriela Dias de Macêdo e Gabriela Loures Freire, orientado pelo Prof. Dr. Rogério Pereira Borges, da Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, 11 de dezembro de 2020.



Vercilene Francisco Dias